

Angola é um país jovem e criativo. Com gentes sedentas de cultura. De espetáculos. De emoções. Aproximadamente uma década depois do fim duma sangrenta e desastrosa guerra civil, cidades como Luanda ou Benguela fervilham com acontecimentos e lançamentos de novas ofertas e manifestações culturais, seja na área da música e dança, da literatura, do teatro ou das artes plásticas. Os observadores da cena cultural angolana afirmam que o povo „mwangolé“ „gosta bwé“ (passe o termo kimbundo) de exhibir o que faz. O crescimento económico também contribui para que – pouco a pouco – surja uma camada de artistas capazes de viver da sua arte. Vale a pena – pois – mergulhar na cena cultural angolana. Uma cena cultural cada vez mais emancipada e autoconfiante e capaz de libertar-se das rédeas e do contróllo do poder político aparentemente todo poderoso. Vamos então vêr como se produz cultura numa Angola que se prepara para construir um novo conceito de angolanidade. Uma reportagem de autoria de António Cascais.

Musik Carbono „Compatriotas“

Chamam-se „Carbono Casimiro“, ou „Brigadeiro Dez Pacotes“, não concordam com o sistema político, mas não desanimam. Cantam as suas mágoas, divulgam os seus pontos de vista em forma dum „rap mwangolé“ que conquista o espaço não oficioso da cena cultural angolana. A música não passa nos meios de comunicação social estatais - é certo - mas é cada vez mais ouvida nos candongueiros, nos táxis coletivos, e copiada e recopiada em cd's que são vendidos aos milhares nas ruas das cidades angolanas.

Musik „Carbono Casimiro „Mwangolé, mwangolé...“ / „Somos um povo revoltado encurralado nos guetos...“

Mas nem tudo é fácil para quem está distante do sistema no poder e mesmo assim ousa manifestar-se culturalmente em Angola. 3 de Setembro de 2011: O rapper Carbono Casimiro e outros músicos são espancados, detidos pela polícia e posteriormente condenados a penas de prisão, depois de terem participado numa manifestação contra o regime de José Eduardo dos Santos. Mas as detencões provocam ainda mais gritos de contestação nos municípios periféricos da capital angolana. O grupo „Vozes do Sambizanga“ exprime a sua indignação da seguinte forma:

MUSIK „Vozes do Sambizanga“

A libertação dos jovens rappers opositoristas – poucas semanas depois - é considerada por muitos observadores como sinal de que o regime está consciente da força deste movimento cultural, nos bairros populares das grandes cidades. Os jovens músicos dificilmente deixam-se controlar pelo poder político e muito menos dominar, A cena rap de Angola é irreverente e não tem papas na língua, é independente e explícita – como, aliás, acontece – noutros países com mais liberdade de expressão.

MUSIK

Mais ou menos ligados ao poder, o certo é que os jovens angolanos – nos tempos que correm - gostam de se exprimir culturalmente, como afirma Lueji Dharma, arquiteta paisagística angolana, crescida e formada em Portugal e que há pouco se instalou em Luanda, onde rapidamente se afirmou como escritora e uma das promotoras do movimento LevArte.

O-TON Lueji Dharma

„Há um grande boom, uma grande expansão. Os angolanos têm usado bem as redes sociais, temos cantores com casas cheias, a nossa cultura está a sair, em termos de literatura: colocamos cada vez mais lá fora os nossos jovens escritores, eles percebem que podem crescer mais...“

O movimento LevArte é uma iniciativa recente, mas já conta com milhares de adeptos. A ideia deste movimento jovem sem fins lucrativos é dar possibilidades a jovens artistas angolanos de publicarem as suas obras, nem que seja na internet. Música, prosa, poesia...

O-TON Lueji Dharma

„Temos muitos escritores que têm conhecimentos históricos que não são editados... e nós queremos criar uma base de dados que possa ser consultada em todo o mundo...“

Todas as quintas-feiras no bairro da Vila Alice, dezenas de jovens sobem ao palco do King’s Club para declamar poesia. Lueji Dharma afirma que declamar poesia desde sempre faz parte das preferências dos angolanos...

O-TON Lueji Dharma

„A poesia tem sido a evolução da oralidade. Aqui há muita vontade de declamar poesia... agostinho neto, viriato da cruz... vez as pessoas

declamarem com sentimento... é o sentar à volta da fo gueira... é sinal que a tradição se mantém... tb se contram histórias e se faz teatro à volta da fogueira...”

De facto, em Angola a oralidade constitui o veículo primordial, tendo a arte da escrita surgido muito posteriormente.

Baseado nessa tradição oral, tem surgido em Angola uma nova vaga de jovens poetas declamadores como Lukeny Bamba , Kardo Bestilo, Poeta dos Pés Descalços ou Fridolim Kamalakamwé... de salientar que a maior parte destes jovens integram movimentos literários como o Movimento Lev'arte, no King's Club ou „Terças da Poesia“ no Espaço Bahia.

O-TON Fridolim Kamolakamwé

Fridolim Kamolakamwé - oriundo de Benguela - é um dos jovens poetas declamadores. Também ele é observado com desconfiança pelas instâncias oficiosas e já foi repetidamente vítima de assaltos e tentativas de atentados perpetrados – segundo afirma – pelas forças de segurança do Estado. sobretudo após a edição dos seus dois livros, em 2001 e 2002. Episódios que não mudaram o curso da sua poesia.

Os seus poemas narram o sofrimento das pessoas normais, a solidão e, principalmente, a necessidade de humanização da sociedade e resgate dos valores cívicos e morais.

„Canto“ e „às vezes“ são poemas que notabilizaram Fridolim Kamolakamwé na arte de declamar.

O-TON Poema Fridolim Kamolakamwé

Os cd's de Fridolim esgotam-se rapidamente. Quem os compra é o povo.

Fridolim, é apelidado de „kudurista da poesia“. „Kudurista“ – porque é irreverente, enraizado no povo e recusa colar-se à cultura do poder,

Fridolim cresceu em Benguela, a segunda-maior cidade angolana, mas – para muitos – a capital cultural do país, segundo afirma Cristóvão Mário Kajibanga, Diretor provincial da cultura na Província de Benguela. Segundo Kajibanga, a província e sobretudo a cidade de Benguela é – e no fundo sempre foi – o sítio onde se produz mais e melhor cultura no país...

O-TON Cristóvão Mário Kajibanga

„Benguela é bem servida, já foi um grande ponto político na época colonial... uma segunda cidade em todas as dinâmicas... conseguimos ter essa gente a fazer cultura... o teatro já teve grandes tempos... os concursos foram vencidos em Benguela... Nós aqui podemos encontrar todas as variantes: músicos, bailarinos, escritores, pintores, dramaturgos, criação da moda...“

Nomes benguelenses que se tenham destacado?

„Exatamente, há muitos: Na literatura: Luis Canjimbo, o próprio Pepetela é daqui, o Arnaldo Santos... o Ayres de Almeida Santos, Raul David, uma figurativa incontornável...“ „No domínio da música, temos muita gente: Dionísio Rocha, Lamartine, Paulo Flores,... Matias Damásio... „No teatro temos 17 grupos aqui... são nomes que soam“

Mário Kajibanga, licenciado em ciências da educação, foi militar aos 12 anos, e participou na guerra civil contra as forças da UNITA, tendo exercido desde a sua juventude funções de relevo na JMPLA. Mais tarde dedicou-se às artes, propriamente ditas, Foi fundador do grupo de dança „Mismas das Acácias“ que fez o resgate das danças tradicionais do folclore dos ovimbundos da província de Benguela, gravou dois discos e faz pesquisas culturais,

O-TON Cristóvão Mário Kajibanga

„fomos divididos por ideologias, agora temos que tentar criar sem dependência das cores partidárias.. Esquecer o mal que nos assolou e caminhar em conjunto para que tenhamos uma Angola melhor... perdemos muitas coisas, o que nos sobra: aqueles que sabem dizer o que sabem aos que não sabem... para que o país se reencontre... fomos divididos por ideologias... eu penso que é este esforço que os artistas têm tentado fazer... „Quer dizer que ninguém deve ter pejo da origem das coisas que lhe são intrínsecas. A própria constituição de Angola garante que todos possam ser como são, desde que o respeito aos outros vinque...“

Musik „Melodia“

Regresso a Luanda, onde marcámos entrevistas com alguns dos mais consensuais críticos e acompanhantes da cena cultural angolana, sobretudo do ponto de vista do regime, começando por Luandino Carvalho, Director nacional de publicidade do ministério de comunicação social, artista plástico e também jornalista, apresentador do único programa da TV sobre arte plástica..

O-TON Luandino Carvalho

„Falando das artes em Angola: somos um país africano, mas tivemos uma influência fortíssima do nosso colonizador, Portugal, ao desembarcar aqui criou uma política de culturalmente se impor. E o resultado é a língua que eu falo: o português. Claro que nós temos que nós temos uma forte personalidade artísticas. O angolano vive concentrado em cidades. 80 por cento estão concentrados em 3 ou 4 cidades. As cidades fervilham de atividades culturais. Há muita cultura potencia artística no seio do angolano. Nós temos um defice de se inculcar nas pessoas a valorização da produção artística. Tem a ver com uma muito forte tendência do angolano gostar de criar e também essa criação ser o reflexo dos tempos difíceis que se foram vivendo. Tivemos um movimento de música e pintura de intervenção depois da independência. O angolano historicamente conseguiu levar para além fronteiras a sua cultura. Aconteceu no tempo dos escravos, muitos escravos angolanos foram para o Brasil, América central, Estados Unidos,.. a capoeira tem como base um instrumento. O berimbau é de origem angolana, praticada por povos que viveram à beira mar, na culinária, na roupa, nas questões religiosas, enfim estamos a falar desse género de influência... essas influências são recíprocas... o zouk é fortíssimo em França ... ele saiu de Angola (kizomba) para as Antilhas, depois para França e depois é apanhado em Paris em França e retornado para as nossas origens... !!!!“

Angola é um país jovem com menos de quatro décadas de existência, como país independente. E como em muitos países jovens, constituídos por muitas etnias diferentes, a Angola oficiosa empenha-se em encontrar manifestações culturais que representem o país no seu todo.

Ora Angola, hoje em dia, é constituída também pelos muitos angolanos que vivem na diáspora. Um deles é o músico Rui Carlos da Silva Loureiro, melhor conhecido por Rucangola. Rucangola emigrou para a Europa, fugido da guerra em 1990, nomeadamente via Portugal para França, onde iniciou uma carreira na área da música e sobretudo da percussão. Em França bebeu muito do que lá faziam outros músicos de todo o continente africano...

O-TON Rucangola

„Eu sou da geração da época da guerra. Então surgiu essa necessidade de sair de Angola, porque eu queria fazer o que eu gosto, o que eu amo. Tinha o sonho de entrar no mundo da arte, de conquistar o mundo internacional. Foi essa vontade que me fez sair porque nessa altura o nosso país não oferecia condições. Aqui havia um ambiente de guerra e hoje estamos felizmente numa fase de reconstrução. E hoje – como todo

o angolano amante da paz – quero pôr em prática tudo o que consegui em Franca e contribuir para a reconstrução da nossa pátria.“

Musik Rucanola

Angolanos na diáspora, como Rucangola são pois muito importantes e particularmente capazes de reforçar uma certa „angolanidade“, portanto algo capaz de representar todo o país, de Cabinda ao Cunene, contribuindo assim para a unidade e identidade nacional. A angolanidade representa a identidade nacional angolana e, como tal simboliza a união entre todos os angolanos. No fundo a „angolanidade“ é um conceito formulado em 1959 segundo Luis Kandjimbo e que confere a Angola o estatuto de nação, fazendo este país lusófono superior a um simples espaço geográfico denominado por país. Esta nação da angolanidade ultrapassa a minoria intelectual para defender todo um conjunto de tradições da ancestralidade patente nas línguas nacionais, bem como nos diferentes povos que compõem esta matriz repleta de diversidade africana. E como defendia Mário Pinto de Andrade “a angolanidade requer enraizamento cultural e totalizante das comunidades humanas, abarca e ultrapassa dialecticamente os particularismos das regiões e das etnias, em direcção à nação maior”.

Claro que não se pode falar em Angolanidade sem incluir o universo africano, o universo da africanidade. Todo este conceito é construído artificialmente, é claro, mas não acontecerá o mesmo com outras identidades culturais. Fernando Alvim, artista angolano e curador da Fundação Sindika Dokolo explica...

O-TON Fernando Alvim

„A questão da angolanidade, como a germanidade ou a portugalidade ou a francesilidade – o que as define é o facto de elas serem indefiníveis. Óbviamente que há sintomas comuns na sociedade. O que prova provavelmente a profundidade da angolanidade é o facto dela ser recente. Portugal tem 800 anos como nação. Angola tem 36. É uma nação que acabou de nascer. Será que um b´bé ou uma criança não é enquanto é uma criança e só é quando é adulta? Nós somos uma nação jovem com uma memória ancestral. A angolanidade é forte, é segura porque está a nascer. É uma nacionalidade viva porque ainda está com uma postura quase de autodefesa, porque está a acabar de nascer.“

Jomu Fortunato, ex-diretor nacional do livro e do disco e atual assessor da Ministra angolana da Cultura para a área artística, também tenta enquadrar social e historicamente o fenómeno da angolanidade...

O-TON Jomu Fortunato

„A minha perspectiva da angolanidade é inclusiva... inclusive o período colonial... eu não acredito em culturas puras. Há uma componente europeia incluída... eu não entendo angolanidade numa perspectiva do que é endógeno, inclui também o lado exógeno...O próprio uso da língua portuguesa. Esta língua é portuguesa. ...só esta inclusão da língua já lhe confere esse lado inclusivo...“

A cena cultural angolana passa um pouco por todas as áreas – pelo teatro, pela dança contemporânea, pela música e os respetivos estilos de dança, pelas culturas nacionais, como a cultura lunda tchokwe, ou a cultura kikongo, pelos artistas plásticos e pela pintura, pela literatura e o cinema em Angola, pela arquitetura moderna, global e tradicional...